

# Transcrição de conversa não comprova quebra de sigilo

■ Em fita periciada, ACM não diz que tem "lista" dos que votaram contra Estevão

ABNOR GONDIM

BRASÍLIA – A transcrição da fita da conversa do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) com três procuradores federais, apresentada ontem no Senado, confirmou que ele sugeriu no encontro a quebra do sigilo telefônico do ex-secretário-geral da Presidência da República Eduardo Jorge Caldas Pereira. Não fica comprovado, porém, que o senador citou como alvo da investigação o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Mesmo assim, a recuperação da fita pelo foneticista forense Ricardo Molina de Figueiredo foi elogiada por parlamentares do PMDB, adversários de Antonio Carlos, por mencionar trecho em que o acusado disse conhecer o voto da senadora Heloísa Helena (PT-AL) e de "todos" que votaram contra a cassação do ex-senador Luiz Estevão. "Resta agora discutir se houve quebra do decoro parlamentar", disse o senador Renan Calheiros (PMDB-AL), líder do partido.

Porém as falhas na transcrição dos diálogos e divergências com as versões publicadas pela revista *IstoÉ* provocaram decepção entre os opositoristas sobre um eventual processo de cassação do senador baiano. Também serviram para alimentar protestos dos aliados do ex-presidente do Senado contra a revista.

**"Fernando"** – A possível referência ao presidente da República na conversa está resumida a um "Fernando", dito pelo ex-presidente do Senado, ao ser provocado pelo procurador Guilherme Schelb. "O senhor diz que ele não resiste", afirmou Schelb, referindo-se à quebra do sigilo telefônico de Eduardo Jorge. "O senador estava se referindo a mim quando disse



Os senadores Ney Suassuna e Romero Jucá (com fones) e o perito Molina ouvem gravações

isso", rebateu o jornalista Fernando César Mesquita, assessor do ex-presidente do Senado que acompanhou a reunião com os procuradores, do qual também participou a procuradora Eliana Torelly de Carvalho, no último dia 19.

"Pela entonação de Antonio Carlos e pelo contexto do diálogo está claro que ele falava do presidente da República", atestou o jornalista Tales Faria, chefe da sucursal da revista *IstoÉ*, responsável pela divulgação das duas versões sobre a conversa do senador com os três procuradores. Segundo Faria, as divergências entre o texto divulgado ontem e o publicado pela revista podem ser explicadas porque a transcrição é incompleta. "A transcrição deve ter menos de 75% da conversa. Além disso, ouvimos a fita audível que foi des-

truída", disse ele. "Há trechos divergentes porque a revista teve acesso a mais coisas", explicou.

Não há na transcrição nada semelhante à frase que teria levado Fernando Henrique Cardoso a demitir dois ministros indicados por Antonio Carlos – Waldeck Ornelas (Previdência) e Rodolpho Tourinho (Minas e Energia): "Se pegar o Eduardo Jorge, chega ao presidente", teria dito Antonio Carlos.

O procurador Luiz Francisco de Souza, autor da gravação e divulgação da fita, disse que a transcrição comprova o teor das denúncias feitas pelo senador baiano. Mas ele só vai depor no Senado sobre o assunto quando o perito concluir a transcrição da fita.

O senador Antonio Carlos Magalhães afirmou que não teve duas vitórias ontem (a primeira na reu-

nião do PFL). "Foram meus adversários que tiveram duas derrotas", disse. "O Senado deveria ter sido poupado desse triste espetáculo que se verificou na comissão", disse, referindo-se à Comissão de Fiscalização e Controle do Senado onde a fita foi exibida. "A celeuma criada visava apenas me atingir numa fase em que estava e estou apresentando denúncias graves", afirmou o senador, declarando ainda que vai processar a revista.

Segundo Antonio Carlos, "o presidente terá remorso por ter demitido dois ministros em função de coisas inexistentes". A reportagem sobre a conversa no Ministério Público levou o governo a afastar os ministros da Previdência, Waldeck Ornelas, e das Minas e Energia, Rodolpho Tourinho, ambos do grupo de Antonio Carlos.

Davi Zoccol